

**A infância encarnada:
o teatro e a performance como formas de resistência à invisibilização do corpo das
crianças na contemporaneidade**

Resumo:

Este artigo propõe uma reflexão sobre as concepções contemporâneas de infância nas artes performativas. O trabalho discute experiências artísticas que colocam em xeque certos processos de invisibilização do corpo das crianças que ocorrem em diversos âmbitos da cultura nas sociedades ocidentais atuais. As concepções de infância que emergem de tais experiências artísticas são analisadas neste artigo em diálogo com autores que discutem as infâncias no campo das artes cênicas e da sociologia.

Palavras-chave: Teatro contemporâneo. Performance. Infância. Corpo. Infância encarnada.

Abstract:

This paper proposes a discussion about contemporary concepts of childhood and performative arts. It discusses some artistic experiences that challenge the invisibilization process of the children's body in different spheres of contemporary cultures. In addition, this work analyses the concepts of childhood that emerge from these artistic experiences in dialogue with authors who investigate the childhoods in the field of performing arts and sociology.

Keywords: Contemporary theatre. Performance. Childhood. Body. Embodied childhood.

No artigo “A invenção da infância sem corpo”, publicado no jornal El país em março de 2018, a escritora Eliane Brum discute concepções contemporâneas da infância a partir das repercussões em torno da interação de uma criança com o corpo nu do artista Wagner Schwartz na performance “La bête”, apresentada no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo em setembro de 2017. Na performance, inspirada na obra “Bichos” de Lygia Clark, Schwartz se deixa manipular como se ele mesmo fosse uma das figuras geométricas da artista. Após a apresentação no MAM, um trecho da performance gravada em vídeo, que mostra somente o momento em que a criança,

acompanhada da mãe, toca rapidamente o braço e o pé do artista, foi colocado na internet e causou comoção nacional. O artista e a coreógrafa Elisabete Finger (mãe da criança) foram duramente atacados com acusações de pedofilia e negligência por grupos conservadores com a conivência de grandes veículos de comunicação. Ao analisar a repercussão da performance, que incluiu linchamentos virtuais, ameaças, abertura de inquérito, protestos violentos e até mesmo agressões físicas a funcionários do MAM, Brum conclui, dentre outras coisas, que “a sociedade atual se esforça para apagar o fato de que a criança tem corpo”. Para a autora, tal processo decorre de construções culturais que deletam o corpo de suas concepções de infância e veem as crianças como seres que vivem num mundo separado do mundo dos adultos. As discussões levantadas pela autora em torno deste acontecimento, que gerou diversos desdobramentos e deixou uma marca no campo da cultura na história recente do país, são férteis para pensar as relações entre arte e infância na contemporaneidade e para estimular análises de outras obras contemporâneas de teatro e performance que colocam em xeque os processos de invisibilização do corpo das crianças e causam ruídos em certas concepções de infância. Devido às suas peculiares aproximações ou parcerias com crianças, proponho neste trabalho a discussão de duas obras teatrais que estimulam reflexões sobre tais questões: *Os Sertões*, do Teatro Oficina e *Sobre o conceito de rosto no filho de Deus*, de Romeo Castellucci.

Em *Os Sertões*, o Teatro Oficina teve um forte (e inesperado) envolvimento com a infância. O grupo incluiu no espetáculo crianças e adolescentes que participavam de oficinas do Movimento Bexigão em São Paulo e, em turnê no Brasil e na Alemanha, preparou crianças de outras cidades por meio de *workshops* para participar das apresentações, que incluíam diversas cenas de nudez.

Em *Sobre o conceito de rosto no filho de Deus*, espetáculo de Romeo Castellucci que estreou em 2010, um grupo de crianças joga granadas na imagem de Cristo. Esta cena foi alvo de protestos calorosos e, recentemente em abril de 2018, até de censura pelo prefeito da cidade de Sarthe, na França. Tais obras instigam revisões críticas de concepções de infância que têm como pressuposto a existência de um mundo da criança cindido da realidade adulta.

Concepções negativas de infância focadas naquilo que falta às crianças (maturidade, linguagem, razão) que, durante muito tempo, dominaram os estudos do campo da educação e da filosofia, são atualmente questionadas pela sociologia da infância, que

propõe positivar os modos de ser e estar das crianças e reconhecê-las como agentes sociais, ou seja, como sujeitos com capacidade de ação e de interpretação do que fazem. Em diálogo com a sociologia da infância, a principal questão que emerge da análise de tais obras é: que concepções de infância se revelam nestas experiências artísticas e que concepções de infância aparecem nos discursos que criticam e censuram estas obras? Como nos lembra Brum, certos contextos demonstram que nem todas as crianças “merecem” ser protegidas, apenas as que são consideradas “nossas”. Acontecimentos atuais, como a guerra na Síria e as intervenções militares no Rio de Janeiro, evidenciam as contradições do principal argumento - com o qual se ataca os artistas e as obras - de que toda criança precisa ser protegida dos “males” do mundo; revelam quais as crianças “merecem” a nossa proteção e de quais delas devemos nos proteger; e, tragicamente, definem quais são crianças e quais não são crianças aos olhos da sociedade contemporânea.

BRUM, Eliane. A invenção da infância sem corpo. El País Brasil, 18 mar. 2018.